

APRESENTAÇÃO

ENSINO DE HISTÓRIA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO HISTÓRICO-ESCOLAR

DOI: 10.5935/2177-6644.20170017

Cyntia Simioni França
Fábio André Hahn
Organizadores do Dossiê

Esse dossiê da Revista Tempo, Espaço e Linguagem se dedica à reflexão sobre o ensino de História e a produção de conhecimento histórico escolar. Os artigos que compõem este número apresentam diferentes contextos sociais, culturais, políticos e econômicos do país e estabelecem um estreito diálogo entre universidade e escola.

Na trama discursiva, potencializada pelos diferentes textos, encontramos fios sugestivos e criativos de produção de conhecimentos históricos escolares. O conjunto de artigos nos oferece um quadro significativo de produções acadêmicas que demonstram a consolidação da área de ensino de História. Reconhecemos que tais produções são avanços reflexivos coletivos conquistados nos últimos trinta anos, no Brasil, especialmente nessa área de ensino. Referimo-nos, inicialmente, ao período em que o regime militar estava se exaurindo – nos últimos anos 1980 –, momento em que vêm à tona os questionamentos sobre as visões positivistas de ensino de História.

A partir desse período, identificamos o quanto o ensino de História se beneficiou das produções dos historiadores da educação para compreendermos conceitos como culturas escolares, disciplinas escolares, transposição didática, mediação didática, conhecimento escolar, saberes docentes e currículo. André Chervel Ivor Goodson, Dominique Julia, Jean Claude Forquin, Michael Apple,

Maurice Tardiff e José Sacristán, pesquisadores estrangeiros dedicados a essas temáticas, tornaram-se importantes referências no Brasil e suas produções foram colocadas em diálogo com as de historiadores brasileiros como Déa Fenelon, Marcos Silva, Elza Nadai, Jaime Pinsky, Selva Guimarães Fonseca, Maria Carolina Bovério Galzerani, Ernesta Zamboni, Ana Maria Monteiro, Circe Bittencourt, Helenice Ciampi, entre outros.

Vale ressaltar que, das análises reflexivas desses pesquisadores, o salto qualitativo para a área do ensino de História foi o reconhecimento do aluno e do professor como produtores de conhecimentos históricos escolares, bem como a escola como um lugar em que se configura um saber próprio, denominado “saber escolar” e que não apenas forma “[...] indivíduos, mas também uma cultura que vem, por sua vez, penetrar, moldar e modificar a cultura da sociedade global”, dado o caráter criativo do sistema escolar (CHERVELL, 1990). Dessa forma, a escola passou a ser compreendida como um lugar onde circulam diferentes saberes, hábitos, com uma dinâmica própria, espaço de luta, de resistências e de dominações, ou seja, portadora de cultura/s escolar/es.

Nessa mesma época, outra contribuição profícua para o ensino de História foi a disseminação da leitura de obras internacionais que contemplaram as renovações historiográficas, articulando questões ligadas à pesquisa e ao ensino, à teoria e à prática e a reflexões que abrangem as dimensões culturais, políticas, econômicas e sociais. As diferentes correntes historiográficas trouxeram também pressupostos teórico-metodológicos que dilataram a concepção de história, em especial com a abertura de novos objetos de investigação, de novas abordagens e de novas linguagens no ensino de História.

Apesar de as discussões das décadas de 1980, 1990 e 2000 promoverem o entendimento, para os pesquisadores do ensino de História, de que é possível a produção do conhecimento em sala de aula, as preocupações e os desafios nos dias de hoje dessa disciplina ainda são muitos, principalmente frente ao fortalecimento do neoliberalismo.

O desenraizamento cultural, a crise da memória (escassez e excessos) e os saberes modernos, a aceleração do tempo, a fragmentação do social, entre outras problemáticas que enfrentamos na contemporaneidade por conta do avanço das relações capitalistas de produção, alcançaram o mundo da escola e da universidade.

A lógica global do capital manifesta-se por meio de políticas públicas educacionais interessadas em formar cidadãos economicamente ativos e politicamente dóceis (GALZERANI, 2013; FOUCAULT, 1984). Essa lógica não fortalece a imagem do aluno e do professor como sujeitos produtores de conhecimento, mas de seres partidos, simples executores de saberes já dados *a priori*, exteriores às suas experiências vividas. É um sistema global preocupado numa produtividade exacerbada, controlada politicamente por meio de métricas avaliativas.

Nos dias de hoje, as tônicas neoliberais se manifestam em diferentes práticas sociais ligadas à escola e ao ensino de História, visando, prioritariamente, a difusão em massa dos conhecimentos como mercadorias e pouco preocupadas com os sujeitos em formação.

Mesmo diante das incertezas vividas na contemporaneidade, apostamos que a busca por “outro” ensino de História em nosso país é uma tarefa árdua e que somente poderá ser realizada coletivamente. Diante dessas algumas preocupações acima elencadas, cabe interrogar: – Quais são as contribuições do presente dossiê para a (re)invenção do ensino de história na contemporaneidade? – Que possibilidades os artigos dos professores da educação básica e da universidade nos oferecem para ampliar os modos de produção de conhecimentos históricos escolares?

Trata-se de questionamentos que nos estimulam a mergulhar nessas leituras, deixando-nos, muitas vezes, deslocar para outras visões de mundo e movimentar alguns pontos de vista “fixos” para enxergar outras possibilidades para o ensino de História.

Nesse dossiê encontramos uma vasta produção de professores da área do ensino de História ligados a instituições de ensino superior – públicas e privadas e de ensino da educação básica (fundamental II e médio). São docentes que atuam em diferentes regiões do país – como nos estados do Paraná, de Santa Catarina, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, e Pernambuco e do Mato Grosso do Sul. Certamente essas diferenças regionais, aliadas à abordagem de uma única temática (Ensino de História e Produção de Conhecimentos Históricos Escolares), propiciará aos leitores uma instigante análise reflexiva.

No que diz respeito aos fundamentos teórico-metodológicos desse dossiê, acreditamos que o mote fundamental desses fios analíticos é a acepção de produção de conhecimento como um ato dialógico entre sujeito e objeto (THOMPSON, 1981) que potencialize um pensar histórico coletivo, polissêmico, questionador e crítico. Uma produção de conhecimento que possa entrecruzar diferentes sujeitos, temporalidades, experiências e espaços. Defendemos uma produção de conhecimentos históricos escolares imbricados às experiências vividas dos sujeitos, produção que não se posicione como verdade absoluta e nem apresente interpretações necessariamente universalizantes, mas que deixe emergir as visões plurais (THOMPSON, 1981; CERTEAU, 2002).

Nessa direção, convidamos os leitores a realizar uma desafiadora incursão pelos nove artigos que compõem o dossiê.

Primeiramente, o texto “Do presente para o passado: uma reflexão sobre o ensino de História Medieval na contemporaneidade”, do autor Luciano José Vianna, da Universidade Federal de Pernambuco, *Campus* de Petrolina. A proposta do texto foi demonstrar que, no Brasil, o ensino de História Medieval pode ser pensado a partir da realidade contemporânea. Para desenvolver a proposta, Vianna abordou quatro diferentes momentos. No primeiro, fez uma reflexão sobre o ensino de História Medieval no Brasil; no segundo, abordou a revolução historiográfica e os novos objetos que surgiram no debate desde o começo do século XX e seu impacto nos estudos da área; no terceiro momento tratou dos permanentes problemas, como conceitos e barreiras temporais no ensino de História Medieval; e, por fim, estabelece uma relação entre o presente e o passado como caminho possível para o ensino de História Medieval.

A seguir, no artigo “Os cristãos-novos na escrita dos livros didáticos de História: uma presença ‘esvaziada’”, a autora Helena Ragusa dialoga com sua dissertação de mestrado e enfoca a temática da presença dos cristãos-novos em alguns livros didáticos voltados para o ensino fundamental e médio, no período que corresponde à chegada dos portugueses ao Brasil. Para tal, apoia-se em análises de livros didáticos. As conclusões da autora demonstram que a presença do cristão-novo se dá de maneira “esvaziada”, o que fortalece ainda mais a versão única ainda tão presente acerca de nossa formação, pautada no velho conhecido tripé do índio, do branco e do negro. Ainda ressalta que são várias as funções que o livro didático

assume no processo escolar e, portanto, também no que toca àquelas voltadas ao ensino de História, pois ainda é soberano no cotidiano da sala de aula. A autora entende que, quando refletimos acerca do ensino de História, levamos em conta o funcionamento da escola, as relações que nela se estabelecem no dia a dia, as práticas que nela se operam, enfim, o rico universo que permeia esse espaço. Não devemos, porém, nos ater somente ao papel desempenhado pelo professor, mas também aos conteúdos ensinados, presentes nos livros didáticos, enquanto parte do *corpus* que constitui a educação escolar. Por isso, a importância das pesquisas que se voltam a compreender a escrita que vem sendo produzida nos livros didáticos, porque é uma das ferramentas que traz um “dado” conhecimento histórico produzido para ser disseminado no espaço escolar.

Em “Ensinando a História da China: Como fazer?”, o autor André Bueno debate as possibilidades sobre o ensino, no Brasil, de História da China, tendo em vista que o tema ainda é pouco conhecido, mas necessário em virtude da expansão da China na contemporaneidade. Nessa direção, Bueno aponta algumas possibilidades metodológicas para tratar do referido tema, voltado, nesse caso, especificamente para a educação básica.

Buscando refletir sobre estágio curricular e produção de conhecimentos históricos educacionais na formação docente, Cyntia Simioni França tece alguns fios reflexivos sobre a formação de professores, articulando-a com os paradoxos da modernidade tardia. As análises bibliográficas estimulam-nos a um deslocamento na compreensão do estágio curricular nos cursos de formação de professores ao compreendê-lo como ato coletivo de produção de conhecimentos. Outros fios analíticos são tecidos, como a tentativa de ampliar a noção de formação docente a partir do trabalho com memórias. A imagem de saber histórico escolar é intimamente articulada às de memória no diálogo com as produções de Walter Benjamin. Tal imagem se aproxima de uma racionalidade comprometida com as experiências vividas dos sujeitos e engendra relações mais dinâmicas entre os sujeitos envolvidos no processo de produção de conhecimentos históricos educacionais.

A seguir, no artigo “Uma lei, uma diretriz e um ensino: o que é preciso para a educação das relações étnico-raciais?”, a autora Melina Lima Pinotti trata de uma análise direcionada especificamente para a Lei Federal nº 10.639/2003, que trata

da obrigatoriedade do ensinar história e a cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas brasileiras. Na investigação realizada, a autora identificou uma série de implicações em torno da questão, bem como apontou as potencialidades das diretrizes no ensino de História.

Por sua vez, em “Aulas de História para além das quatro paredes e do livro didático”, os autores, Elison Antonio Paim e Gilberto Luiz Salini, narram um projeto que desenvolveram em uma escola municipal de ensino fundamental São Benedito, interior do município de Rio dos Índios/RS. O objetivo foi repensar o processo de ensino-aprendizagem em seu ambiente escolar. A escola encontra-se no território atingido pela instalação da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó. Assim, portanto, a partir do desenvolvimento de um projeto, passou-se a utilizar a instalação da Usina como espaço de estudo da realidade dos alunos, de modo que eles se compreendessem como sujeitos históricos. O trabalho foi realizado em 2009 com atividades fora da sala de aula, com visitas aos diferentes espaços e entrevistas com moradores, buscando o envolvimento dos alunos na construção de um conhecimento histórico. Ao final dessa experiência, os autores destacam que as aulas de História podem e precisam sair das paredes da sala de aula e que o espaço em que a escola está inserida é um campo rico de material de pesquisa e estudo. É estimulante, nesse projeto, a ampliação da representação dos saberes histórico-educacionais no que diz respeito à noção de sujeito histórico.

Em “A vida em segundo plano: produção de conhecimentos histórico-educacionais a partir de fotografias do desastre ambiental de Mariana-MG”, de Nara Rúbia de Carvalho Cunha, somos convidados a conhecer uma experiência de produção de conhecimentos histórico-educacionais realizada em 2016 junto a estudantes secundaristas de uma escola estadual de Ouro Preto/MG, em diálogo com fotografias do ensaio fotográfico “Além da Lama”. A autora focaliza a destruição do subdistrito Paracatu de Baixo, de Mariana/MG, atingido pelo rompimento da barragem de rejeitos da Samarco Mineradora, em novembro de 2015, e traz uma reflexão sobre os usos da fotografia como documento em aulas de História. Ao propor o trabalho com as fotografias do ensaio “Além da Lama”, explora com os estudantes a polissemia da imagem, instigando o observador a leituras amplas e, por vezes, a contrapelo das tendências hegemônicas. É importante, ainda, enfatizar que a imagem de produção de conhecimentos

histórico-educacionais é ampliada ao enraizar o sujeito e o objeto no tempo e no espaço, investindo em uma relação dialógica e o respeito à inteireza desses sujeitos, não os desvinculando de suas sensibilidades.

Na sequência destacamos o texto de Jaqueline Aparecida Martins Zarbato intitulado “Prática de ensino de História e formação de professores: reflexões curriculares”. Nesse texto, a autora aborda as interfaces do currículo e da prática de ensino de História voltada à formação de professores. O currículo, para a autora, é entendido como campo de ação, portanto desenvolve uma reflexão fundamentada na análise da prática de ensino de História em que estão presentes as diferentes experiências de formação e seus múltiplos percursos e mediações.

Por fim consta o texto “Tecnologias educacionais no ensino de História: uma abordagem possível”, de Adaiane Giovanni e Fábio André Hahn. O artigo procura problematizar a questão das tecnologias no ambiente escolar como uma realidade que não pode mais ser postergada. Enfatiza a necessidade de enfrentar o desafio posto, aponta dados do Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e da Comunicação (CETIC.BR) que revelam dados nacionais sobre o acesso às tecnologias e uma intervenção realizada com alunos de 3º ano do ensino médio de uma escola pública no estado do Paraná. A partir dos dados coletados e com recorte no ensino de História, destacaram a necessidade de qualificação de professores por um lado e, por outro, a produção de materiais didáticos qualificados para essa nova realidade educacional, apresentando, como proposta, a utilização da metodologia WebQuest.

Os textos que compõem o presente dossiê permitem uma reflexão voltada aos diferentes aspectos do ensino de História e da produção do conhecimento histórico escolar. A temática está presente nos principais círculos de debate da área de História, assim, portanto, o presente dossiê procura oferecer a sua contribuição, a fim de aprofundar o debate para estimular a busca da melhoria qualitativa da educação e, em especial, neste caso, do ensino de História no Brasil.

Desejamos aos leitores uma ótima leitura.